



Resenha

Resenha do livro: SOUZA, Ana Lúcia Marques. **O Céu é o limite**: uma história real de empreendedorismo. EDILUAL: Fortaleza, 2020.

“O Céu é o limite”: a trajetória do grupo produtivo CRIART e a emancipação de mulheres periféricas

“The sky is the limit”: the trajectory of the productive group CRIART and the emancipation of suburban women

Taynara Mirelle do N. de Araújo*

Em meio a um estado de negação de direitos, é no tecer das peças artesanais que vão se tecendo os sonhos e onde há sonhos, nem o céu é o limite.¹

Início essa resenha com a frase que finaliza o livro de Ana Marques sobre a marcante história do CRIART, já que nessa reflexão final, Ana traz os pontos centrais da exemplaridade desse empreendimento de mulheres que nasce a partir da falta de acesso aos direitos básicos dentro de uma comunidade periférica de Fortaleza e caminha através da arte, do feminismo e da economia solidária para a construção de relações mais justas, igualitárias e emancipatórias. A importância de se contar histórias como essas se dá por uma série de fatores, sendo um deles a necessidade categórica de se dar visibilidade à história das mulheres, que continuamente foram objeto de um relato histórico que só as silenciava e subalternizava, não mostrando a dimensão

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, CE. Bolsista de formação acadêmica da FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Integrante do Grupo de Pesquisa e Estudos em História e Gênero (GPEHG) – Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Diretora da Associação de Pós-Graduandos da Universidade Federal do Ceará (APG-UFC). Contato: taynara.mirelle.araujo@gmail.com

¹ SOUZA, 2020, p. 77.

real de sua relevante participação político-social. É dada a hora, portanto, de romper os silêncios e colocar a trajetória das mulheres em evidência. Como diria Michelle Perrot,

O momento agora é de fazer com que um público mais amplo tenha acesso às descobertas dos historiadores. A história precisa sair das universidades e ganhar as ruas. A história das mulheres deve ser discutida nos salões de beleza, nos almoços de família, nas mesas de bar, nos ambientes de trabalho; deve estar presente nas escolas, nas TV's e rádios brasileiras, no judiciário e no legislativo, assim como na elaboração de políticas públicas.²

O CRIART nasceu há doze anos, a partir de uma ação institucional da ONG Diaconia³. Essa ação era voltada para a sustentabilidade das famílias que participavam do projeto Bom Jardim com Arte – BOMJART, na região do Grande Bom Jardim, na periferia de Fortaleza. Eram ações que possibilitavam às mulheres geração de renda através do artesanato. Diante do desafio de ser mulher e mãe num contexto de extrema vulnerabilidade social e do apelo individualista do sistema capitalista, o grupo de mulheres do CRIART se propõe a nadar contra a maré, construindo em coletividade, propondo o envolvimento de toda a comunidade em suas atividades e formações. Construindo um ambiente de partilha de saberes e de horizontalidade por meio da autogestão, o grupo vai se firmando não só como um coletivo de geração e distribuição de renda, mas como um ambiente de promoção de relações justas, de coletividade, de igualdade de gênero, e, principalmente, um lugar de sonhos e de muita persistência.

O modelo de produção e comercialização do grupo se baseia nos seus princípios vinculados a economia solidária, a qual também é uma economia feminista e ecológica. Esse jeito de elaborar, confeccionar e comercializar produtos, faz parte de uma construção coletiva desse e de outros grupos e cooperativas que se opõem a lógica capitalista global que tanto explora a Natureza e as pessoas. O CRIART atua diferente porque compreende o seu papel na transformação da sociedade, a partir da valorização de um outro modelo de vida e consumo, que sai da lógica produtivista e se alicerça na igualdade e na justiça social. Um modelo como o do CRIART, baseado na compaixão, no cuidado e na troca de saberes, “poderia substituir a hierarquia; um respeito tradicionalmente feminino pela vida humana poderia prejudicar seriamente uma economia baseada no militarismo e um mercado de trabalho baseado no uso de pessoas como recursos descartáveis.”⁴

O livro traz uma série de depoimentos das mulheres que compõem o CRIART ao longo de uma década. A história do CRIART se entrelaça com a própria história de vida dessas

² PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 11.

³ A Diaconia é uma organização social brasileira, sem fins lucrativos e de inspiração cristã, que tem por objetivo a promoção da justiça e do desenvolvimento social no país. Atua há mais de cinco décadas no Brasil, prioritariamente, na região Nordeste.

⁴ WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. 9. ed. Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro, 2020, p. 135.



mulheres, já que é um projeto que perpassa as suas vivências individual, familiar e comunitária. “Narrativas que remontam a um tempo que não obedece a uma ordem cronológica, mas a força do significado que foi emprestando à vida de cada uma, o estar nesse grupo [...] nessa teia de relações que vão surgindo e provocando transformações internas e externas.”⁵ Como nos mostra o depoimento da Sra. Azul, que em poucas palavras consegue expressar como o grupo lhe ajudou a transformar pequenos e grandes percalços da sua trajetória: “O CRIART me tirou dessa solidão. Temos direitos e deveres...aos poucos eu me libertei... Não sou mais presa ao marido, tenho o meu direito de ir e vir. Sou vaidosa e não nego. Libertação da servidão. Sou outra pessoa por dentro e por fora.”⁶

Outro depoimento nos traz a dimensão central do grupo: a luta por justiça de gênero. A questão da equidade de gênero é trabalhada pelo CRIART tanto nas suas ações comunitárias como no ambiente familiar de cada integrante do coletivo, gerando pequenas revoluções nos lares e na vida dessas mulheres, como nos conta a Sra. Azul a respeito dessas mudanças: “Mudei muito. Espero que o meu companheiro mude também. Muitas coisas sobre o meu direito como mulher. O que ele proibía e eu tinha vontade de fazer, eu fiz.”⁷ Esses conceitos e práticas feministas são levados pelas próprias mulheres para dentro dos lares a partir das ações cotidianas, mas também são motivados pelo coletivo por meio de ações institucionais mensais para trabalhar essas questões no ambiente familiar, na relação entre as mulheres e os seus companheiros.

Essas ações foram idealizadas pela coordenadora do coletivo, Cristina Nascimento, e reformuladas a partir de cada contexto familiar por todas as mulheres do coletivo. Esse espaço de socialização, aprendizado, debate e prática recebeu o nome de “Roda dos Compadres”. Neste espaço, “os homens passaram a refletir também sobre as relações de gênero”. Os casais passaram a se encontrar mensalmente na casa de alguma das integrantes do coletivo “para vivenciar um momento de valorização, de cuidado e compreensão mútuos, e de **fortalecimento e estreitamento do vínculo entre eles.**”⁸ Essas ações se motivam por conta do exacerbado domínio masculino em cada aspecto da vida das mulheres. Como salienta Welzer-Lang, “os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos.”⁹ Por isso, a necessidade constante de desconstrução dos machismos que cercam o nosso cotidiano, principalmente no ambiente doméstico.

⁵ SOUZA, 2020, p. 45.

⁶ SOUZA, 2020, p. 45.

⁷ SOUZA, 2020, p. 52.

⁸ SOUZA, 2020, p. 49.

⁹ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001, p. 461.



De acordo com Naomi Wolf, se os casais passassem a construir ligações assim, de igual para igual, não violentas, o resultado seria uma mudança radical na estrutura das relações familiares. Esse desvio “em massa, no sentido da ternura e do respeito mútuo, representaria um verdadeiro problema para o *status quo*.”¹⁰ E Ana Marques, vai ao encontro da análise de Wolf com as conclusões práticas a respeito dessa experiência da Roda de Compadres do CRIART, ao notar que o resultado gerado a partir dessas ações se dá com “a valorização e o reconhecimento do trabalho artesanal e do legado que o CRIART vem construindo, na exemplaridade em relação às questões de gênero, já rompendo o padrão familiar machista nas suas famílias.”¹¹

Para as artesãs do CRIART, este é o espaço que elas têm para planejar e executar um futuro diferente, uma sociedade diferente, que deixarão para os seus filhos e filhas, como afirma a coordenadora do coletivo, Cristina Nascimento, no prólogo do livro, com uma mensagem sobre persistência e transformações: “O CRIART é o tempo que tenho para fazer diferente, sermos diferença nessa sociedade machista. O tempo nos dá o limite. Mas, quando estamos envolvidas no CRIART, nem percebemos. Pois, o céu é o limite.”¹² Este ideal de uma sociedade com equidade de gênero, onde homens e mulheres tenham o mesmo poder de decisão sobre suas vidas e suas comunidades, se articula com o pensamento e a militância de diversas outras mulheres em diferentes lugares e período, como a filósofa feminista Simone de Beauvoir já afirmava:

Eis por que reclamam elas hoje, em grande número, novo estatuto; e, mais uma vez, sua reivindicação não consiste em serem exaltadas em sua feminilidade: elas querem que em si próprias, como no resto da humanidade, a transcendência supere a imanência; elas querem que lhes sejam concedidos, enfim, os direitos abstratos e as possibilidades concretas, sem a conjugação dos quais a liberdade não passa de mistificação.¹³

Ana Marques entende que o grupo cresce a cada dia e segue resistindo, porque as mulheres que o compõe têm ânsia por aprender, por se refazer, por fazer diferente com o entusiasmo e a autonomia que só uma educação popular e libertária traz. E complementa afirmando que, “o CRIART tem asas. Alça voos autônomos. E consegue isso porque tem abertura para aprender, para acolher as contribuições afins com os seus princípios, vivenciados durante os seus doze anos de existência.”¹⁴ Através das diferentes formações e desses muitos aprendizados ao longo dessa caminhada, as mulheres do CRIART começaram a desenvolver um discurso próprio sobre si, o seu trabalho e a necessária mudança dessa sociedade patriarcal e capitalista que tanto silencia e explora as mulheres. Aplicando o que Paulo Freire conceituou como

¹⁰ WOLF, 2020, p. 209.

¹¹ SOUZA, 2020, p. 73.

¹² SOUZA, 2020, p. 20.

¹³ BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960, p. 191.

¹⁴ SOUZA, 2020, p. 77.



Pedagogia do Oprimido, essas mulheres aprenderam a tomar o monopólio da palavra, daqueles que a detêm e com ela “mistificam, massificam e dominam”¹⁵, usando-a agora como instrumento de conscientização e emancipação para si e para os demais.

Para finalizar, indicamos esse livro para todas as pessoas que desejam conhecer mais sobre a história das mulheres, de grupos de mulheres periféricas, de grupos voltados para produção e comercialização feminista e ecológica, de pessoas que tem a igualdade como princípio e a emancipação como horizonte concreto. Que essa leitura sirva para que histórias como essa ganhem cada vez mais visibilidade e apoio frente a luta pelos direitos humanos, por uma vida digna e justa para todos os seres vivos. Por fim, invocamos um trecho da apresentação do livro, as palavras de esperança da assessora política pedagógica da Diaconia, Kezzia Silva: “Para as mulheres do CRIART, o céu é um horizonte possível, que quando uma mulher acredita, outras mulheres também acreditam, e juntas tecem caminhos rumo a um horizonte de plenitude sem fim”.¹⁶

Referências

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 48. Reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005 (1970).
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SOUZA, Ana Lúcia Marques. **O Céu é o limite: uma história real de empreendedorismo**. EDILUAL: Fortaleza, 2020.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.
- WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução de Waldéa Barcellos. 9. ed. Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro, 2020.

¹⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 48. Reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005 (1970), p. 22.

¹⁶ SOUZA, 2020, p. 11.